

Memórias do Futuro

O que somos senão uma coleção de memórias?

Fábio d'Abadia de Sousa

“Se você pudesse, você abriria mão das suas memórias mais tristes e desagradáveis?” Ao ouvir esta pergunta, feita a mim, por um amigo, no final do ano passado, sem pensar muito, eu dei uma resposta afirmativa. Mas, depois, comecei a refletir melhor e percebi o quanto memória é assunto sério e complexo.

A chegada aos 50 anos, em 2018, foi, para mim, um momento divisor de águas. Por mais que tentasse me esconder de Chronos, constatei, com mais atenção, que ele (implacavelmente) esteve sempre ao meu lado e começou a ressaltar em mim os traços característicos desta idade: cabelos brancos, calvície, rugas, pele flácida, etc.

Mas nada disso me assustou tanto quanto uma crise de perda de memória. Passei a esquecer coisas simples do dia a dia, mas fundamentais para a sobrevivência de uma pessoa que, como eu, optou por morar só (optei mesmo: antes só que mal acompanhado), como, por exemplo, desligar o gás ou trancar a porta de casa antes de sair ou dormir. Passei a perder cartões de banco e smartphones quase todas as semanas. Esquecia até de comer!

Certo dia, quando tirava a poeira de alguns móveis da sala incrivelmente bagunçada, encontrei, debaixo de uma panela de barro que serve como artefato de decoração, uma quantia de R\$ 500,00, o que corresponde a mais ou menos a cem euros. Para um brasileiro, é uma quantia considerável (é a metade de um salário mínimo, a remuneração de quase metade da população brasileira economicamente ativa). As duas únicas possibilidades de esse dinheiro ter sido encontrado na minha casa eram: ou eu o coloquei lá ou o Papai Noel me visitou. Eu sempre acreditei em milagres e magias, e situações vividas ao longo de minha existência comprovam que, para mim, eles existem! Mas, no caso específico do dinheiro encontrado, sou mais tentado a pensar que eu mesmo saquei a referida quantia e a guardei, mas simplesmente esqueci que fiz isso.

Esta situação me deixou muito alarmado, principalmente depois que uma médica me advertiu que talvez pudesse ser o início de um caso de demência. “Mas aos 50 anos?” “Sim, há casos de Mal de Alzheimer até mesmo antes desta idade”, respondeu a neurologista. Tive que me submeter a vários exames para comprovar ou não a suspeita. Enquanto os resultados não saíam, passei a imaginar as conseqüências assustadoras da falta de memória. Foram 15 longos dias de apreensão.

O mais tenebroso para mim seria depender de outras pessoas. Logo eu, tão orgulhoso de ser dependente apenas de Deus e de mim mesmo!

Acredito que a resposta para seja lá o que somos, fomos ou seremos está na nossa memória, e perdê-la ainda em vida é perder a nós mesmos. Henri Bergson, na obra *Matéria e memória* (Martins Fontes, 1999, p. 88-90) aponta que temos dois tipos de memória: uma que imagina e outra que repete “A primeira registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam...”. O segundo tipo de memória é a que, ao invés de representar o nosso passado, ela o encena. “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar”.

Pelo o que eu entendi da minha situação de falta de memória, e que pareceu comprometida foi a do primeiro caso detalhado por Bergson, a que registra acontecimentos rotineiros. Tal situação teria ocorrido, conforme constatei posteriormente, em virtude da necessidade de produção de trabalhos acadêmicos em tempo muito exíguo, já que sou um procrastinador e que, geralmente, deixo quase tudo para a última hora. Quando mais jovem e sob pressão, eu sempre conseguia produzir muito em pouco tempo, mas agora não. Outra conseqüência da chegada ao meio século de vida!

Quando, finalmente, recebi os resultados dos exames neurológicos, respirei aliviado. Foi descartada, pelo menos por enquanto, qualquer possibilidade de Mal de Alzheimer. Passei a tomar alguns remédios, conforme prescrição médica, e percebo que a memória já está menos falha. Tal situação foi importante para que eu refletisse melhor sobre as dificuldades que enfrentam as famílias com pessoas com Alzheimer. Passei também a prestar mais atenção sobre o quanto somos definidos pelas memórias acumuladas ao longo da vida. Boas ou ruins, somos uma coleção de lembranças acumuladas na nossa existência.

Não, eu não abriria mão de minhas memórias de situações difíceis que atravessei. Depois de refletir muito sobre o assunto, conclui que o melhor que se pode fazer a respeito é lutar para que os eventuais traumas sejam superados e que, assim como as cicatrizes físicas, elas se tornem apenas lembranças de que superamos momentos difíceis e que ficamos mais fortes e sábios por causa disso.